

para festejar com os amigos. Entre um samba e outro, Clementina de Jesus da Silva esbanjava seu talento sem se sentir incomodada. Na Taberna da Glória, ela era estrela. Durante o expediente como doméstica, no entanto, a cantadeira soltava a voz e era repreendida pela patroa que, ao ouvi-la cantando enquanto engomava as camisas, dizia: “Clementina, estás cantando ou estás miando?”

Hermínio Bello de Carvalho abraçou aquela novidade como poucas vezes fizera antes. Animado, o poeta queria finalmente conversar com a mulher que o enfeitiçara. Mas faltava-lhe coragem. Para um rapaz como ele, frequentador de encontros regados a Vivaldi, jazz norte-americano e poemas de Mário de Andrade, era admirável que se deixasse conquistar pela cantora de voz rascante da Taberna da Glória. Quelé, como era apelidada, físgou-o definitivamente.

Exatamente um ano antes, os caminhos de Clementina de Jesus e Hermínio Bello de Carvalho já haviam se cruzado, também em um dia de Nossa Senhora da Glória, quando o poeta viu, também na Taberna, uma mulher de rendas brancas e coque, sentada em uma mesa cheia de empadinhas, pastéis e outros quitutes fritos, acompanhada de um mulato forte vestido de branco dos pés à cabeça – gravata, camisa, meias, sapato, tudo branco. A chegada da polícia trouxe uma repentina agitação àquele bar, e Hermínio, que estava apenas em traje de banho, resolveu ir buscar os documentos em casa. Quando voltou, nada encontrou.

A partir daquele dia, a imagem daquela cantora negra, anônima, povoaria seu imaginário. Ela lhe remetia imediatamente à figura de Pastora Pavón, ou La Niña de Los Peines, como era chamada a intérprete espanhola que ele conheceu pessoalmente em uma viagem à Espanha em 1965 e cuja voz “coberta de musgo”, segundo definição do grande poeta andaluz Federico García Lorca, poderia ser perfeitamente atribuída à Clementina também.

Depois da primeira tentativa em vão, o segundo encontro entre Clementina e seu fã incondicional acabou acontecendo na inauguração do bar Zicartola, empreendimento que, a partir de 1963, agitou a rua da Carioca, no centro do Rio, e teve como donos Angenor de Oliveira, o Cartola, e sua esposa, Euzébia Silva do Nascimento, a Dona Zica. O local era frequentado por sambistas de renome como Nelson Antônio da Silva, o Nelson Cavaquinho, Ciro Monteiro, Ismael Silva e José Flores de Jesus, o Zé Kéti. Era o ambiente